

Cestas agroecológicas e solidárias raízes do pontal: a extensão como forma de fortalecimento da relação entre a comunidade acadêmica e os movimentos sociais de luta pela terra

Gustavo Caique Pereira Negrão

Lucas Souza Silva

Carlos Alberto Feliciano

Como citar: NEGRÃO, Gustavo Caique Pereira; SILVA, Lucas Souza; FELICIANO, Carlos Alberto. Cestas agroecológicas e solidárias raízes do pontal: a extensão como forma de fortalecimento da relação entre a comunidade acadêmica e os movimentos sociais de luta pela terra. *In:* FERNANDES, Silvia Aparecida de Sousa; FERNANDES, Bernardo Mançano; SANSOLO, Davis Gruber (org.). **Educação do campo, soberania alimentar e agroecologia:** o papel das tecnologias sociais no fortalecimento das comunidades locais. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023. p.137-150. DOI: <https://doi.org/10.36311/2023.978-65-5954-415-8.p137-150>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CAPÍTULO 5

CESTAS AGROECOLÓGICAS E SOLIDÁRIAS RAÍZES DO PONTAL: A EXTENSÃO COMO FORMA DE FORTALECIMENTO DA RELAÇÃO ENTRE A COMUNIDADE ACADÊMICA E OS MOVIMENTOS SOCIAIS DE LUTA PELA TERRA

Gustavo Caique Pereira Negrão

Lucas Souza Silva

Carlos Alberto Feliciano

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo discutir as formas de reprodução do campesinato no Pontal do Paranapanema, localizado no extremo

<https://doi.org/10.36311/2023.978-65-5954-415-8.p137-150>

Oeste do estado de São Paulo e as práticas agroecológicas a partir do desenvolvimento do projeto de extensão Cestas Agroecológicas e Solidárias “Raízes do Pontal”. O projeto surge como uma proposta de alternativa para a geração de renda das famílias camponesas da Associação Regional para a Cooperação Agrícola (ARCA), do Assentamento Gleba XV de Novembro, no município de Euclides da Cunha Paulista, a partir do enfraquecimento do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Este projeto tem sido desenvolvido a partir de parceria entre o Setor de Produção do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT).

Este texto é resultado das reflexões que temos realizado no âmbito do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT) e do Centro de Estudos do Trabalho, Ambiente e Saúde (Coletivo CETAS de Pesquisadores), através do desenvolvimento das atividades de pesquisa e extensão. O objetivo é apresentar, no primeiro momento, o contexto das formas de reprodução do campesinato no Pontal do Paranapanema, região localizada no extremo Oeste do estado de São Paulo, nos assentamentos oriundos da reforma agrária. Diante das dificuldades para a comercialização dos alimentos produzidos pelas famílias camponesas frente ao esfacelamento de políticas públicas para o campo, em especial o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), trazemos para a discussão o caso específico do assentamento Gleba XV de Novembro, localizado nos municípios de Euclides da Cunha Paulista e Rosana (SP), que buscou alternativas de comercialização e circulação dos produtos via processo de articulação com a Universidade.

Será analisado mais especificamente os resultados do pós-golpe de 2016, com ataques efetuados pelas políticas de cunho neoliberal, que por consequência tem apresentado como resultado o desmonte do Estado brasileiro e das limitadas conquistas sociais alcançadas nos últimos anos, evidenciando-se um abandono das políticas públicas para o campesinato. Diante disso, as famílias camponesas se dedicam na buscar por estratégias para criar alternativas de para as suas formas de reprodução socioterritorial. É neste sentido que surge o projeto “Cestas Agroecológicas Raízes do Pontal”, como uma proposta de comercialização de alimentos

agroecológicos produzidos por famílias do assentamento Gleba XV de Novembro, organizados no âmbito da Associação Regional de Cooperação Agrícola (ARCA).

A Cestas são comercializadas na UNESP/FCT, sendo o público consumidor composto pela comunidade acadêmica (docentes, alunos e servidores) e comunidade local (moradores da cidade de Presidente Prudente).

O PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS (PAA) NO ASSENTAMENTO GLEBA XV DE NOVEMBRO

O processo de luta pela terra no Pontal do Paranapanema demonstra duas vertentes de atuação dos movimentos sociais do campo. A primeira é reforçar a tese de que a estrutura fundiária da região é caracterizada pela concentração de terras, grilagem de terras ocasionando uma frequentes disputa territorial, e, portanto, não contempla a função social estabelecida para a terra baseada na necessidade de milhares de famílias se reproduzirem através do trabalho de base familiar. Juntamente com isso, a luta, para além do acesso à terra, demonstra as potencialidades que as famílias têm para produzir alimentos em quantidade e qualidade para a sociedade, algo que será objeto de reflexão ao longo do texto no atual cenário político.

Neste sentido, é possível afirmar que o processo de luta pela terra é seguido pela luta pela permanência na terra, justificando o empenho dos movimentos sociais do campo na busca pela diversificação de formas de reprodução na terra, renda e trabalho para as famílias camponesas. Assim, um dos desdobramentos desta necessidade de criar mecanismos para as famílias permanecerem na terra foi a conquista do Programa de Aquisição de Alimentos, em 2003, no âmbito do Programa Fome Zero, a partir de demandas e luta dos movimentos sociais (Leal, 2017).

Entre as programas sociais de aquisição de alimentos direto da agricultura camponesa para atendimento das parcelas da sociedade em situação de vulnerabilidade sociais, os chamados Mercados Institucionais, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) se destaca por ser um dos

mais importantes programas de incentivo e fortalecimento da agricultura camponesa, pois apresentou-se como uma saída para a comercialização da produção de alimentos.

O Programa funciona por meio de aquisição de alimentos produzidos pelas famílias camponesas, comprada via Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) e com mediação das associações ou cooperativas camponesas, que auxiliam na logística e controle de qualidade para manter-se nos parâmetros exigidos pelo programa. Os alimentos adquiridos são destinados para instituições de atenção à população em vulnerabilidade social, sendo igrejas, prefeituras, asilos, abrigos etc; bem como para instituições públicas como escolas e creches.

O que temos percebido de rebatimentos do PAA para o campo está relacionado com a possibilidade de fortalecimento da produção de alimentos protagonizada pelas famílias camponesas, permitido através da criação de um mecanismo de comercialização que até então era uma das grandes dificuldades das famílias. Embora as famílias tenham se empenhado historicamente na produção de alimentos, o PAA surge enquanto uma forma de visibilizar esta produção, demonstrando a capacidade de produzir alimentos por meio do trabalho de base familiar reforçando a viabilidade da reforma agrária, dedicando terras de trabalho para sujeitos que dela necessitam para reprodução (Leal, 2017).

Porém, um dos problemas estruturais do PAA é o fato dele não ser uma política pública efetiva, mas sim um programa de governo, desta forma, sempre pairou o sentido de insegurança quanto à sua continuidade e manutenção. E, como previsto, os cortes orçamentários efetuados pelo governo acabaram por enfraquecer o PAA, sobretudo a partir de 2015, deixando milhares de famílias camponesas desabrigadas desta forma de comercialização direta dos alimentos produzidos¹. Com base na análise da conjuntura em torno desses programas de governo, podemos afirmar que o corte de recursos para a agricultura familiar não advém da crise da máquina pública, na verdade representa um projeto de sociedade refém do agrohidronegócio, que não prioriza o desenvolvimento social e combate à

¹ Cf. Leal (2017).

fome, como previa o PAA. Ainda que haja críticas ao programa pode-se se visualizar potencialidades dessa ação, visto as experiências de organização que foram estimuladas por meio dela, protagonizado principalmente por jovens e mulheres assentados, ou seja, promovendo a inserção de sujeitos historicamente negados no que diz respeito ao trabalho no campo, mas que sempre estiveram lá.

O SURGIMENTO DO PROJETO DA CESTA AGROECOLÓGICAS “RAÍZES DO PONTAL”

Diante da falta de um mercado para o escoamento dos produtos existentes no lote, antes entregues para o PAA, a renda antes tida por tais alimentos, que também garantiam uma forma de os mesmo permanecerem em seus lotes tornam-se inexistentes pela falta de outras políticas semelhantes ao PAA. Por esse fato, tem sido muito comum a entrada de empresas de capital privado² nestes territórios, oferecendo pacotes agrícolas de subordinação aos assentados, os deixando reféns do controle das empresas sobre as rotinas de trabalho, renda e formas de organização do trabalho e da produção.

Outro reflexo do enfraquecimento do PAA é na organização social e política nos assentamentos e nos locais de abastecimentos no qual o PAA era desenvolvedor. Os bancos de alimentos creches, escolas, hospitais e outras instituições que recebiam esses alimentos e os destinava as populações mais carentes dos centros urbanos agora não tem mais a mesma oportunidade continuar desenvolvendo essa relação.

No caso das associações, como a ARCA, o trabalho com o PAA vinha sendo um dos motes de atuação da associação. Assim sendo, buscar novas formas de comercializar os alimentos iria causar efeitos não somente para a

² Vale destacar a atividade de produção de pepinos para conserva. Esta produção é desenvolvida nos assentamentos do Pontal do Paranapanema por meio da empresa Refricom, com sede em Bataguáçu (MS). Esta atividade é um exemplo de um processo de subordinação intensa levando a (des)realização do trabalho camponês, se caracterizando por total desamparo da empresa para com as famílias (no caso das perdas e problemas no cultivo) e o uso indiscriminado de agrotóxicos. Cf. Negrão, Martins e Soares (2017).

continuidade da reprodução das famílias, mas também para a manutenção da organização social e coletiva das famílias através da associação.

A partir desta necessidade de criar novos mecanismos para a manutenção da renda e organização social das famílias camponesas, surge o projeto Cestas Agroecológicas e Solidárias “Raízes do Pontal”, numa parceria entre pesquisadores do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho e Setor de Produção do MST, juntamente com a Associação Regional de Cooperação Agrícola (ARCA), atuando como um mediador das relações entre os camponeses/assentados e sujeitos da instituição acadêmica, UNESP/FCT, e moradores da cidade Presidente Prudente (SP).

A idealização do projeto se deu a partir de trabalhos de campo efetuados pelos pesquisadores com esses camponeses, que na maioria das vezes são quem fomentam a maioria dessas pesquisas. Mas, o trabalho de campo definidor no sentido de criar apontamentos par ao surgimento do projeto aconteceu em novembro de 2016. Naquele momento o foco dos pesquisadores foi investigar, através de estratégias de metodologias da pesquisa qualitativa as formas de reprodução das famílias camponesas, a participação e desdobramentos do PAA, as estratégias para produção agroecológica e os processos de assalariamento nas empresas de cana-de-açúcar. Na análise coletiva dos resultados da pesquisa os problemas relacionados ao enfraquecimento do PAA saltaram aos nossos olhos e chamaram a atenção da equipe para as estratégias de comercialização da produção. Assim, foi pensado e apresentado a associação a proposta da a possibilidade de comercialização de cestas com alimentos agroecológicos.

O primeiro passo para a concretização do Projeto foi uma reunião com a Associação no qual discutimos a proposta do projeto e um cronograma de trabalho. Em seguida realizamos trabalhos de campo com foco no levantamento de informações sobre produção de alimentos (QUADRO 1), que pudessem ser direcionados a cesta e para construção de calendários agrícolas destas famílias (QUADRO 2), indicando período de plantio, colheita, quantidade de alimentos produzidos e outras informações (DataCETAS, 2017). Depois de discutir juntamente com a associação e os resultados colhidos em campo, pudemos analisar que as famílias possuíam capacidade para produzir alimentos em grande diversidade, agroecológicos

durante todo o ano, o que nos animou para prosseguir com a ideia do projeto.

Quadro 1 - Pesquisa sobre alimentos produzidos pelas famílias do Assentamento Gleba XV de Novembro.



	PRODUTOS	MERCADO	FORMA DE ORGANIZAÇÃO	MÃO-DE-OBRA
1	Alface	PAA	Agroecológica	Família
2	Chicória	PAA	Agroecologia	Família
3	Almeirão	PAA	Agroecologia	Família
4	Cheiro Verde	PAA	Agroecologia	Família
5	Cebola	PAA	Agroecologia	Família
6	Alho	PAA	Agroecologia	Família
7	Couve	PAA	Agroecologia	Família
8	Chuchu	PAA	Agroecologia	Família
9	Abacate	PAA	Agroecologia	Família
10	Jabuticaba	PAA	Agroecologia	Família
11	Maracujá	PAA	Agroecologia	Família
12	Tomate Cereja	PAA	Agroecologia	Família
13	Jiló	PAA	Agroecologia	Família
14	Abóbora	PAA	Agroecologia	Família
15	Carambola	PAA	Agroecologia	Família
16	Leite	Laticínio	Convencional	Família

Fonte: Elaborado pelos autores.

Fonte dos dados: Pesquisa de campo (nov/2016).

Quadro 2 -. Construção do calendário agrícola das famílias do Assentamento Gleba XV de Novembro.

Produtos	Área de cultivo ou peso da produção	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Horta	200x200 m ²												
Alface	25kg/ semana												
Chicória	25kg/ semana												
Almeirão	25kg/ semana												
Cheiro Verde	10kg/ semana												
Cebola	70 kg/ano												
Couve	10kg/ semana												
Chuchu	15kg/ semana												
Abacate	X												
Jabuticaba	+100kg/ ano												
Maracujá	(não sabe)												
Tomate	2kg/ semana												
Cereja	5kg/ semana												
Jiló	5kg/ semana												
Abóbora	6kg/ semana												
Carambola	5kg/ semana												
Leite	30l/ dia												
Banana	8kg/ semana												

Mês de produção e colheita 
 Mês de plantio 

Fonte: Elaborado pelos autores.
 Fonte dos dados: Pesquisa de campo (nov/2016).

O passo seguinte foi realizar uma pesquisa para o levantamento de consumidores que tivessem interesse em participar do projeto na condição de parceiro consumidor. Nosso foco foi a comunidade acadêmica da UNESP/FCT, pois é o local onde a equipe de estudantes e pesquisadores trabalham, e, portanto, possuem contato e maior facilidade para a operacionalização do projeto. Assim, foram consultados docentes, servidores e estudantes sobre o interesse em adquirir as cestas agroecológicas, também foi realizado contato com parceiros de outros espaços, como sindicatos e partidos. No primeiro momento foi estabelecido o número de 20 parceiros consumidores, já que o projeto se iniciaria em uma fase de testes para ajustar a logística e operacionalização. Depois das primeiras entregas o número de parceiros foi aumentando gradativamente, conforme as estratégias de divulgação adotadas pela equipe (redes sociais³, grupos de contato pelo telefone celular, redes de e-mails etc). As cestas são entregues quinzenalmente, possuem em média de 12 a 15 alimentos em diversidade, com um peso que varia entre 12 a 15 kg de alimentos agroecológicos, tendo valor unitário no valor de R\$50,00.

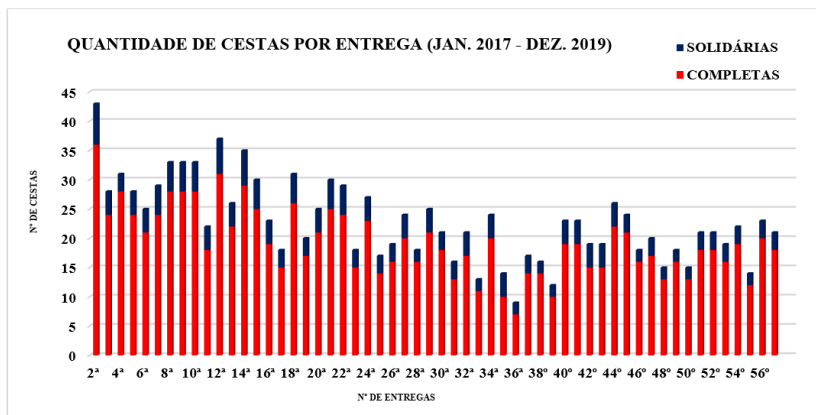
É importante destacar que o Projeto contempla ainda, para além do rebatimento a geração de renda das famílias camponesas, uma atuação social importante. A cada cinco cestas comercializadas a associação destina uma para ação solidária, que é doada para alunos em situação de carência social, instituições de assistência social do município de Presidente Prudente, servidores do serviço terceirizado da UNESP/FCT e outros sujeitos que compõem um banco de cadastro do projeto. Estes sujeitos são indicados por estudantes da própria equipe de apoio do projeto ou outros parceiros como assistente social da Universidade e Comissão de Moradia da FCT.

Além dos produtos da safra que compõem as cestas, são comercializados produtos alternativos, que não compõem o conjunto de alimentos da cesta, mas que podem ser adquiridos como produtos agregados, como: frango caipira, ovo caipira, polpa de frutas, farinha de mandioca, queijo, leite, pães, café, mel e outros.

³ <https://www.facebook.com/raizesdopontal/?ref=settings>

O gráfico e a tabela a seguir ilustram quantitativamente as informações referentes à comercialização das Cestas.

Gráfico 1 - Quantidade de cestas comercializadas de 2017/2019



Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de dados do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Agroecologia do Pontal do Paranapanema (2019).

Como demonstram os dados, foram efetuadas 57 entregas, tendo em média 19 cestas completas e 3 cestas solidárias. Desde o primeiro dia, foram vendidas 1.010 cestas, aproximadamente 11.050 kg de alimentos, gerando um total de R\$50.510,00 distribuídos entre as 15 famílias que participam do projeto. Em relação aos produtos alternativos, o valor das vendas acumulam R\$18.317,00. Portanto, a soma entre as duas vendas resulta em total de R\$68.827,00.

Cabe ressaltar que, durante o desenvolvimento do projeto surgiram dificuldades, como por exemplo a falta de apoio institucional por parte da Universidade no apoio ao projeto, que segue resistindo sem recursos para seu funcionamento e se mantém pela parceria entre consumidores e famílias camponesas. Essa dificuldade vem sendo superadas graças ao apoio de alguns docentes que procuram abrigar este projeto em outros projetos de extensão vinculados aos seus grupos de pesquisa. Isso demonstra que a Universidade está muito aquém de se envolver com assunto que aproximam os movimentos sociais, famílias camponesas, e reforma agrária

do seu feudo intelectual, ficando a cargo da persistência que alguns sujeitos dentro dela abrirem seus espaços para esse diálogo.

AS DISCUSSÕES QUE PREMEIAM A AGROECOLOGIA

Um dos resultados significativos surgidos a partir do desenvolvimento do Projeto é o fortalecimento das discussões em torno da agroecologia. A proposta de comercializar cestas com alimentos agroecológicos tem surtido dois efeitos importantes. O primeiro deles é o incentivo da produção de alimentos dentro dos pressupostos da agroecologia, e o segundo é a socialização do conhecimento sobre agroecologia com os consumidores.

A agricultura tem sido controlada por estruturas políticas e econômicas e estas têm traduzido o que se apresenta como desenvolvimento para o campo (Altieri, 2010; Mcmichael, 2017; Piñeros, 2016; Sevilla Guzmán, 2001). Esse processo priva os camponeses de implementar práticas alternativas que desafiam esta estrutura. Assim, pensar a agroecologia apenas como um modelo que possibilite ruptura técnica, centrada no combate à agricultura prejudicial ao meio ambiente e que gera degradação ambiental, não nos permite entender este conceito de forma holística.

A urgência em debater e resistir na agroecologia nesta região é surge, também, pela intensidade em que se dá a expansão do agrohidronegócio canavieiro, que envolve diretamente a manutenção do latifúndio e os riscos presumidos a saúde humana com o uso de agrotóxicos pulverizados nas lavouras de cana-de-açúcar. Portanto, fazer agroecologia é demonstrar que o Pontal do Paranapanema tem uma forma de organização do território e de desenvolvimento que não convive com a cana-de-açúcar, protagonizado pelas famílias camponesa assentadas nos assentamentos de reforma agrária (DataCETAS, 2017).

A agroecologia não contribui apenas para a produção de um modo de vida menos prejudicial ambiente. Mais que isso, considera o camponês como protagonista na produção de alimentos saudáveis, sendo que o principal desafio é implementar a agricultura alternativa imersa num modelo de sociedade que se estrutura sob condições adversas para a

produção de alimentos de qualidade. Nesta relação, o camponês aparece como sujeito detentor de sabedoria tradicional e procura valorizá-los enquanto fundamentais e intrínsecos aos fazeres dos povos tradicionais; saberes que são adquiridos historicamente, através do trabalho com a terra e que são passados de geração em geração.

Neste sentido, o projeto Cestas Agroecológicas “Raízes do Pontal” tem nos ajudado a alavancar o debate sobre agroecologia, isso, pois, permitido também pela proximidade dos movimentos sociais do campo como a Universidade, que juntamente com alguns grupos de pesquisa e parceiros têm sido os interlocutores destes assuntos no espaço acadêmico.

É importante destacar ainda, que a importância de buscar mercado alternativos para comercialização de alimentos protagonizada por famílias camponesas, e com dedicação à produção de alimentos agroecológicos, fortalece a economia de base camponesa e se apresenta enquanto contraponto aos projetos hegemônicos de produção de *commodities* e produção de alimentos convencionais e contaminados.

Fortalecer a economia camponesa está diretamente ligado aos processos de enfrentamento da economia de mercado, que dita formas e modelos de trabalho para as famílias camponesas. Esse fenômeno é bastante expressivo no específico do Pontal do Paranapanema, já que a insuficiência de assistência por parte do Estado acaba forçando-os a três opções: ceder aos fetiches do trabalho assalariado na agroindústria canavieira⁴, partirem para atividades produtivas que os subordinam ao capital ou as duas, fazendo com que ocorra a plasticidade do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto tem sido de grande importância para as famílias camponesas enquanto uma alternativa para permanecerem na terra a partir da agroecologia e para também que tenhamos a chance de participar de um projeto como esse. Embora estas alternativas autônomas, fruto do vínculo entre os movimentos sociais e alguns sujeitos alocados na

⁴ Cf. Thomaz Junior (2009); Barreto (2012); Rabello (2014).

Universidade, tenham gerado resultados significativos isso não substitui a responsabilidade do Estado em suprir as demandas e necessidades sociais dos povos do campo e da cidade.

Através do diálogo e troca de saberes entre os camponeses e os sujeitos consumidores temos percebido o fortalecimento do conhecimento sobre a agroecologia e a Reforma Agrária, já que estes consumidores têm entendido que estão consumindo alimentos da agricultura camponesa produzidos nos assentamentos da região viabilizados pelo processo de luta pela terra e que diferente do modelo de produção que possui o respaldo do poder hegemônico representado na figura do Estado, o Agronegócio, os camponeses/assentados mostram ser capazes de produzir com responsabilidade, sem o uso de agrotóxicos defendendo a soberania alimentar, característica do campesinato.

Podemos observar também, que nesses 18 meses de desenvolvimento do projeto das cestas, a discussão a respeito dos alimentos que cada um tem em sua mesa tem aumentado de forma surpreendente, logo, a necessidade de criação e fortalecimentos de propostas que se coloquem de frente a propaganda do “Agro e pop, Agro é tech, é tudo”, é de suma importância para evidenciar que o mesmo não é capaz de produzir de forma consciente, sustentável e principalmente, sem raízes fecundas a terra, ou seja, uma identidade com aquilo que faz e não apenas persuadir, usurpar, degradar e minar todos os benefícios dos lugares onde se assentam.

Por fim, é necessário que a defesa das atividades de extensão seja feita. Este ramo de atuação nas Universidades tem sido um importante canal de atuação dos pesquisadores, para a pesquisa e militância na/para sociedade, e também meio pelo qual se desenvolve pesquisas e os resultados chegam até os sujeitos. Mesmo com toda a função social que a extensão exerce, na tríade ensino-pesquisa-extensão, sempre é menos privilegiada. Aqueles que mantêm atividades de extensão no âmbito acadêmico com poucos recursos, defendem que a Universidade é um espaço de produção de conhecimento que deve ser aplicado socialmente.

REFERÊNCIAS

- ALTIERI, M. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. **Revista NERA**, Presidente Prudente, ano 13, n. 16, p. 22-32, maio 2010.
- BANCO DE DADOS DO CENTRO DE ESTUDOS DO TRABALHO, AMBIENTE E SAÚDE – DataCETAS, 2017.
- BARRETO, M. J. **Territorialização das agroindústrias canavieiras no pontal do paranapanema e os desdobramentos para o trabalho**. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologias, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2012.
- LEAL, S. C. T. **A dinâmica territorial do Programa De Aquisição De Alimentos (PAA), no pontal do paranapanema-sp no contexto dos conflitos**. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2017.
- MCMICHAEL, P. **Regimes alimentares e questões agrárias**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- NEGRÃO, G. C. P.; MARTINS, M.; SOARES, G. C. S. O. **A subordinação do trabalho e da renda dos camponeses no Pontal do Paranapanema-SP: o caso da plantação de pepinos para conserva**. 2017. Mimeo.
- NEGRÃO, G. C. P.; SILVA, L.S.; MENESES, R.S; RABELLO, D. **Estratégias de Reprodução do Campesinato no Pontal do Paranapanema (SP): o caso da Comercialização da Cestas Agroecológicas e Solidárias “Raízes Do Pontal”**, 2017. Mimeo.
- PIÑEROS, R. Juventude rural e mobilidade territorial do trabalho no século XXI. **Revista Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente, v .17, n. 2, p. 251-268, dez. 2016.
- RABELLO, D. **Campesinato e agrohidronegócio canavieiro no Pontal do Paranapanema: os desafios para a transição agroecológica**. 2014. Trabalho de Conclusão de curso (Bacharelado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014.
- SEVILLA GUZMÁN, E. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 35-45, 2001.
- THOMAZ JUNIOR, A. **Dinâmica geográfica do trabalho no século XXI: (limites explicativos, autocrítica e desafios teóricos)**. 2009. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009.